

JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



**LEXICOGRAFIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O
ESTUDO E INVESTIGAÇÃO DOS LEMAS EM LÍNGUA
INDÍGENA KRAHÔ**

**LEXICOGRAPHY: A CONTRIBUTION TO THE STUDY
AND INVESTIGATION OF LEMAS IN KRAHÔ
INDIGENOUS LANGUAGE**

Jhon Silva de MOURA

Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT

E-mail: jhonsmoura@hotmail.com

Francisco Edviges ALBUQUERQUE

Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT

E-mail: fedviges@uol.com.br

Danielle Mastelari LEVORATO

Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT

E-mail: daniellemastelari@hotmail.com



RESUMO: Este estudo visa a elucidar as formas mais assertivas de um fazer lexicográfico, que primeiramente, leve em consideração a comunidade dos falantes da língua estudada bem como o seu contexto de uso. Uma vez, sabido que eleger uma correspondente lexical (equivalente lexical) para uma palavra (lema) em língua indígena, que é tão singular no seu local performático, sem arrolar as devidas informações na microestrutura do verbete, pode resultar em uma confusão de significação. A língua Krahô, aqui estudada, pertencente à família linguística Jê e ao tronco Linguístico Macro-Jê, RODRIGUES (1986), os direcionamentos que alicerçam esta problemática estão contidos nos pressupostos de WELKER (2004), bem como FAULSTICH (1995). Ao observar o formato como eram tratados os lemas em língua indígena Krahô no âmbito do Projeto de Pesquisa: “A construção do Dicionário Escolar Indígena Krahô-português, na Perspectiva Bilingue e Intercultural” PIBIC (2016), é suscitado ao pesquisador buscar um método que seja mais sensível às particularidades contidas em uma língua originária. Esta investigação se deu sobre os documentos resultantes do referido Projeto de Pesquisa. Como consequência da investigação é elencada, no corpo deste trabalho, uma serie de aspectos pertinentes ao trato de um lema, como: quais lemas devem compor um léxico, como pode ser a sua macro e microestrutura, quais informações melhor contribuem para o entendimento uma palavra-entrada.

Palavras-chave: Lexicografia. Língua Krahô. Lema. Dicionário.

ABSTRACT: This study aims to elucidate the most assertive forms of lexicographic practice, which firstly takes into account the community of speakers of the language studied as well as its context of use. Once, it is known that choosing a lexical correspondent (lexical equivalent) for a word (lemma) in the indigenous language, which is so unique in its performance place, without listing the appropriate information in the microstructure of the entry, can result in a confusion of meaning. The Krahô language, studied here, is part of the Jê linguistic family, linked to the Macro-Jê Linguistic trunk, RODRIGUES (1986), the directions that underlie this problem are contained in the assumptions of WELKER (2004), as well as FAULSTICH (1995). When observing the format as the lemmas in the Krahô indigenous language were treated in the scope of the Research Project: “A construção do Dicionário Escolar Indígena Krahô-Português na Perspectiva Bilingue e Intercultural” PIBIC (2016), the researcher is encouraged to seek a method that is more sensitive to the particularities contained in an original language. This investigation took place on the documents resulting from the referred Research Project. As

a consequence of the investigation, a number of aspects relevant to the treatment of a lemma are listed in the body of this work, such as: which lemmas should make up a lexicon, how can its macro and microstructure be, which information best contribute to the understanding of a entry word.

Keywords: Lexicography. Krahô language. Lemma. Dictionary.

INTRODUÇÃO

O povo Krahô, segundo dados do Distrito Sanitário Especial Indígena (DISEI) de 2021, possui uma população aproximada de 3.702 habitantes distribuídos em 38 aldeias, vivem em uma reserva indígena que ocupa uma área de aproximadamente 3200 Km². Essa reserva situa-se entre os municípios de Itacajá e Goiatins, nas margens dos rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, noroeste do estado do Tocantins. Os Krahô são remanescentes dos Timbiras e falantes da língua Krahô, segundo Rodrigues (1986) pertencentes à Família linguística Jê e ao Tronco Macro-Jê.

A preocupação que traz à emergência deste trabalho está contida na problemática que seria um tratamento inapropriado de determinado lema (*palavra*), quando dentro do seu lugar performático. Sem essa sensibilidade sociolinguística toda uma carga cultural de significação contida na palavra é perdida ao fazer-se uma *tradução*.

É proposto um fazer metodológico que leve em consideração o contexto de uso da palavra; fazendo uso de uma metodologia qualitativa de cunho etnográfico. A principal inquietação aqui não é encontrar uma correspondente em língua portuguesa para palavras de língua indígena Krahô, mas sim detectar as marcas que trazem a significação para esses vocábulos. Seria, minimamente, desrespeitoso procurar encontrar uma simples *tradução* para um signo lematizado originário da língua indígena Krahô em língua portuguesa.

Para o povo Krahô, um dicionário é um importante instrumento para manutenção e preservação de sua língua, desse modo, evitando que uma importante parte de sua identidade étnica seja perdida, uma vez que o dicionário vem registrar e documentar parte do léxico da língua Krahô. Conforme afirma Abreu (2012), a perda de uma língua implica em muito mais perdas:

[...] a perda de uma língua é equivalente à morte de um povo, tendo em vista que todo o universo representativo de uma cultura singular deixa de existir, levando assim suas particularidades, ou seja, uma forma única de enxergar e categorizar o mundo que os rodeia. É imperativo ressaltarmos que a transmissão de uma cultura se dá essencialmente por meio da língua, e dessa forma, a morte da

língua de um povo leva junto com ela a variedade cultural e intelectual daquele povo (ABREU, 2012, p. 207).

O que nos leva a considerar mais uma vez o quão importante é ter um olhar sensível para uma língua de um povo e cultura minoritária, portanto tão única e singular.

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

É bem verdade que no campo dos estudos do sentido tende-se a diferir a referência de um signo e o seu significado. No contexto da emissão a referência é aquilo a que o signo se refere. Portanto para uma correta, ou mais assertiva, interpretação de uma expressão ou palavra (lema) devemos nos atentar ao que ela se refere. (esses espaços maiores entre os parágrafos não existem, procure corrigir o texto todo, pois precisa ser do mesmo tamanho que o entrelinhas).

Mesmo buscando uma forma de tornar tais conceitos os mais claros, à medida que avançamos os estudos, não buscaremos aqui dirimir qualquer subjetividade que seja possível de discussão ou esgotar toda interpretabilidade de determinado conceito, visto que este não é a proposta desse trabalho, mas antes elencar de forma fluida pensamentos lógicos acerca da construção do sentido do lema.

À referência contrapõe-se o significado ou sentido. Por significado ou sentido entende-se aquilo que tem a ver com o conteúdo informativo do signo, a maneira como ele é interpretado. O lógico e filósofo Gottlob Frege, um dos pais desta distinção, define sentido como “o modo de apresentar a referência” (CHIERCHIA, 2003, p. 37). (Aspas do texto original).

A interpretabilidade de um signo talvez limite-se a toda e qualquer mobilização de um conhecimento que um falante/leitor de língua portuguesa, ou vice-versa, disponha para assim o fazer. O empasse ao qual chegamos até aqui é: de quais conhecimentos um falante de outra língua deveria minimamente munir-se para uma assertiva interpretação de um lema em uma língua que não a sua língua materna?

Até então, os trabalhos realizados, tendo a língua Krahô como *corpus*, e/ou pesquisa à luz dos estudos do léxico, não têm tido como preocupação fundamental a busca por um *significado* dos lemas (signos) trabalhados, mas tão somente a sua *tradução*; tendo em vista a sua representação mental, seu referente. Em fazê-lo de tal modo acaba-se por empobrecer uma tão rica gama de significação que teria qual seja o lema trabalhado.

Há uma questão, dentre outras, a qual devemos ter cautela, que versa sobre o caráter privativo das imagens mentais que não pode ser controlado quanto às associações

feitas a uma palavra por um falante/consulente. O que pode diferir do sentido originário do lema a depender da situação de uso, de um falante para outro e ainda a constância do seu sentido no momento de uso.

A *tradução* de um lema de uma língua para outra, acarreta muitas perdas, isso é sabido, ainda que elejamos trabalhar com “equivalentes” ou “correspondente lexical possível aproximada”. Consideremos um lema hipotético “A” em língua Krahô de sentido verdadeiro no tempo “T”, a sua tradução, galgando dessa forma por uma equivalente “a” para a língua portuguesa no mesmo “t” também terá sentido válido, contanto que haja uma sincronia com os tempos. O que ainda dar margens para interpretações diversas. Consideremos ainda a estilística, intenções comunicativas do autor e o fator preponderante frente a qualquer busca de uma correspondente lexical, Chierchia (2003, p. 183), “as diferentes culturas dos destinatários das duas comunidades linguísticas”.

LEXICOGRAFIA

A área cujos princípios orientam a redação de dicionários, glossários, vocabulários e demais trabalhos que estão compreendidos dentro da lexicografia.

A lexicografia é a ciência dos dicionários; tem em seu campo de atuação a língua como sistema, a qual essa ciência investiga de modo sistemático abarcando os diversos discursos presentes nas comunidades linguísticas, sendo que, a descrição do léxico tem sido efetivamente realizada pela lexicografia, com ênfase na análise da significação das palavras. Nesse sentido, nosso trabalho tem aporte na lexicografia bilíngue, por se tratar de uma proposta de vocabulário que tem como público-alvo, primeiramente, um consulente ideal indígena assim como pesquisadores da área do bilinguismo do Povo Krahô.

A lexicologia e a lexicografia focam o léxico de modos distintos. Não há consenso entre os linguistas sobre a distinção entre lexicologia e lexicografia. Segundo Dapena (2002), alguns estudiosos afirmam que lexicologia e lexicografia são como faces da mesma moeda nas quais suas diferenças corresponderiam às suas extensões e a uma diversidade de pontos de vistas.

A produção lexicográfica tem o poder de auxiliar na manutenção de uma língua, isso porque ao se concretizar, pode resgatar palavras já em desuso, auxiliar professores no ensino em sala de aula, acrescentar vocabulário e, principalmente, manter a história de determinada língua e seu povo.

É o que se verifica, por exemplo, nas questões referentes aos tipos de vocabulários, suas unidades-padrão etc. Confrontem-se, a guisa de exemplificação, os dois significados do termo *vocabulário*: um primeiro conteúdo refere-se ao conjunto de vocábulos de um

universo de discurso; um segundo conteúdo designa um tipo de dicionário e, como tal, significa conjunto de vocábulos tratados lexicograficamente, isto é, definidos e organizados em forma de dicionário.

Multifacetadas questões estudadas pela lexicologia, lexicografia e terminologia, destacam-se, neste trabalho, por sua relevância, funções, ou relações de dependência, e correlações que se estabelecem, por um lado, entre dicionários de língua e sistema linguístico, por outro lado, entre vocabulários técnico-científicos e especializados e normas linguísticas e, ainda, entre glossários e fala ou discurso manifestado.

Palavra, Lexia, Lexema, Vocábulo, Lema.

A ciência da lexicografia tem muitos e vários alcances possíveis, visto ser uma ciência que a todo momento evolui, carecendo dessa forma de estudos mais aprofundados em determinadas áreas que igualmente, e, com o evoluir da língua, acabam elencando novos falares para o meio.

O termo cunhado ao iniciar desta argumentação, “lexicografia”, possui dois sentidos, na acepção de Welker (2004), sendo a *lexicografia prática* e a *lexicografia teórica*, a primeira trata da elaboração de dicionários, já a segunda é o ramo que faz a pesquisa sobre o que comporá o dicionário, o levantamento dos teóricos que também tratam o assunto, para assim conferir fundamento a sua pesquisa, enquanto fala do dicionário.

A seguir serão enumeradas nomenclaturas que são amplamente utilizados em dicionários gerais de línguas hegemônicas. A partir dessas nomenclaturas será feito um recorte dos termos que melhor se adéquam a proposta de pesquisa aqui feita.

Voltemo-nos primeiramente para o termo *léxico*, que depreende comumente como sinônimo de dicionário ou uma reunião de palavras contendo também seus respectivos significados, o léxico em suma é o conjunto de unidades entradas sem função gramatical estabelecida entre si; são nomes, verbos, advérbios.

Há um questionamento que permeia, ainda que em um nível relativamente pequeno de importância, que termo melhor se adequa quando devo referir-me a uma *entrada*? É-nos apresentado palavra, lexia, lexema, vocábulo, lema, (WELKER, 2004, p. 17) qual termo melhor se adequaria e em que situação? A primeira consideração a ser feita é que quando não somos conhecedores de uma determinada língua, não sabemos o que é uma *palavra*, não saberíamos separar uma palavra, distingui-la; então *palavra* não é o melhor termo a ser utilizado aqui. A *lexia* pode ser tida como um lexema, palavra com significado próprio, lexemas “autosemânticos” ou ainda os morfemas gramaticais “gramemas”, palavras que

adquirirão grau de significação estabelecendo relação gramatical (conjunção, preposição) com outras palavras. Há ainda uma concepção bem mais abrangente no que concerne aos elementos ou unidades componentes do léxico, definindo todos como lexemas ou itens lexicais, considerando, assim que lexemas podem ser tidos como palavras, embora admitindo que *palavra* seja um termo que diverge em conceituação dependendo do teórico.

Os *vocábulos* não divergem, em muitos casos, de *palavras*, uma vez que alguns dicionaristas não estabelecem uma diferenciação clara entre essas palavras, há uma definição de Muller (1977) dizendo “[...] que vocábulos são unidades do discurso, ocorrendo nos textos, ao passo que lexemas são unidades da língua, sendo arrolados nos dicionários”, devemos admitir que haja vocábulos que são pertencentes de um texto que não pertencem ao léxico de uma língua, como exemplo, nomes próprios; a não ser nos casos de dicionários onomásticos. O lema é tido como sinônimo de *palavra-entrada*.

O Lema

Como dito anteriormente, no lugar de lema também pode ser usado *palavra-entrada* e *entrada*. O lema faz referência à forma “pura”, “básica”, “canônica” de um lexema, “o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos” (WELKER. 2004). Nos dicionários em latim, no caso dos verbos, eles são apresentados não em sua forma infinitiva, mas sim flexionados na primeira pessoa do singular do presente. O que não tira a razão de se cunhar o termo “lema”, mas antes disso, permite que o Lema seja mais abrangente. Essa expansão do universo do Lema é outra questão arrolada nos nossos estudos visto que nem sempre encontraremos dentro do universo mórfico da língua palavras/lemas que não satisfarão o pesquisador ou consulente do dicionário.

[...] para ajudar consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, ou mesmo falantes nativos pouco competentes na sua própria língua, seria importante que o dicionário desse como lema também formas flexionadas bem diferentes da forma básica, ou seja, opacas por exemplo, as formas irregulares dos verbos, como *fiz*, *houve*. Tais lemas precisariam ser acompanhados apenas de uma remissão para o lema principal (WELKER, 2004, p. 80).

Para elucidar uma as flexões presentes na língua Krahô podemos utilizar o verbo “Apà”:

Como palavra principal <Apà> - comer.

- Wa Apà - eu como – tempo presente;
- Wa ha Apà- eu comerei – tempo futuro;
- Ijopàn – comi – tempo passado.

A palavra flexionará em tempo a depender da partícula que o acompanha, posterior ou anteriormente (“ha” designa futuro). Temos como exemplo de verbo irregular, neste caso, o Lema “Ijopàn”, que não precisa de partícula para designar passa e, também teve seu próprio radical.

DICIONÁRIOS BILÍNGUES

O trabalho metalexiconográfico inicial de um pesquisador seria a delimitação da corpórea a ser investigada. A ideia de um dicionário ou vocabulário deve ser guiada pelos limites do corpus e a diversidade dos lexemos enumerados para o fazer pesquisacional.

- a) Quanto à abrangência do léxico, quantas lexias constarão dentro do dicionário?
O número de línguas;
- b) Quanto à apresentação, nele serão apresentados exemplos figuras, esquemas;
- c) O dicionário em questão é voltado para qual público? Para os falantes da língua nativa (língua indígena krahô), para os falantes da língua portuguesa ou, mesmo para pesquisadores da área?

Um dicionário de língua segue um critério de uma tipologia determinada, o que traz a problemática mais pedante para o nosso trabalho é definir essa tipologia e qual a inclinação será direcionada o pesquisa.

O autor Béjoint (2000) considera impossível uma classificação de dicionários de forma que seja ordenada e aplicável a todas as sociedades, definição esta que convém a nossa pesquisa, uma vez que buscamos um modelo de léxico específico para um público ideal, com a pretensão de fazê-lo útil para uma comunidade específica.

Seguindo as orientações de Welker (2004) acerca de tipologias de léxicos nos é apresentado uma segmentação que contempla uma diferenciação entre obras de consulta convencionais (impressas) e as eletrônicas; a segunda grande distinção por ele feita é quanto ao número de línguas tratadas, no presente trabalho é proposto uma pesquisa voltada aos estudos feitos em caráter bilíngue sobre a língua Krahô.

Há nos seus pressupostos uma distinção entre dicionários gerais e especiais. Por dicionários gerais é entendido que são alfabéticos, sincrônicos, de uma língua contemporânea, contendo os lexemas da língua comum. Por dicionários especiais são entendidos como os históricos, os diacrônicos, onomasiológico. Por tanto podemos tirar uma definição de uma tipologia abrangente de um modelo ideológico de léxico para o qual a presente pesquisa está a serviço:

- Obra de consulta

1. Dicionário (“de língua”)
2. Impresso/convencional
3. Bilíngue
4. Especial

Macroestrutura

Entende-se como *macroestrutura* “o conjunto das entradas”. Numa outra acepção a *macroestrutura* refere-se a todo o corpo estrutural do dicionário, como ele estará organizado. Valendo-nos da segunda convenção a respeito da definição de *macroestrutura* ela faz referência a como será organizado/ordenado o conjunto de entradas; qual será o formato dos verbetes, se a palavra na sua forma canônica, se sinônimos, fraseologismos; e, informações sintáticas.

Uma questão macroestrutural que merece especial atenção, diz respeito, a quantidades de lemas que serão arrolados no corpo do dicionário. O que definirá, ou direcionará, essa questão de nomenclatura é o público que fará uso de determinado léxico. Há diversas definições de tamanhos de nomenclaturas dependendo do seu uso.

Um dicionário de cerca de 5.000 verbetes pode ser tido como “dicionário infantil”, “minidicionário”, “microdicionário”. Mas para além disso, há ainda outras questões divergentes, Welker (2004, p. 84) “muitas vezes, os títulos dos dicionários não dizem nada a respeito do número de entradas; há dicionários com o nome ‘universal’ que só têm 15.000 lemas; já o Micro Robert, apesar do título, contém cerca de 30.000.”

O critério para um lexema figurar dentro de um dicionário seria a sua frequência, quando dicionários gerais de uma língua. Tomemos como exemplo um estudo feito sobre a produção de textos acadêmicos e a frequência que as palavras usadas aparecem nos dicionários, estudo apresentado por Nation (1990), quadro 1:

Quadro 1: Recorrência de entradas

	Número de lexemas	Cobertura do texto
Palavras de grande frequência	2.000	87%
Vocabulário acadêmico	800	8%
Vocabulário técnico	2.000	3%
Lexemas de baixa frequência	123.200	2%

Fonte: Welker (2004).

O quadro mostra que de um dicionário hipotético composto por 128.000 entradas, os lemas de baixa frequência ocorrem somente em 2% de um texto. Embora alguns vocábulos sejam imprescindíveis para a compreensão. Os vocábulos técnicos e acadêmicos

serão suficientemente validos para o entendimento e, ainda a esses juntam-se as palavras de alta frequência, que somarão 4.800 lexemas¹.

Dessa forma Welker (2004, p. 86) ao apresentar esses números alicerçado nas concepções de Béjoint (2000) e Rey-Debove (1971), conclui que as palavras mais recorrentes em uma língua são as que mais importam para o corpus de um dicionário.

Microestrutura

A *microestrutura* de um dicionário seria toda a informação aceitável e cabível voltada para as variadas acepções de um lema. Rey-Debove (1971) “o conjunto de cada informação ordenada de cada verbete após a entrada”, mas não há uma definição assertiva sobre quais informações seriam arroladas após a *palavra entrada* visto que cada palavra a depender da sua classificação gramatical teria uma definição requerida.

Segundo Faulstich (1995, p. 10) “a microestrutura corresponde ao verbete pronto”. Ainda é apontado, dentro do seu estudo, os variados tipos de informações que poderiam conter dentro de um verbete, “verbeta = + entrada + categoria gramatical (± substantivo, ± sintagma terminológico, ± verbo) ± gênero ± sinônimo ± variantes ± fonte ± área ± subárea ± definição ± fonte + contexto + fonte ± remissivas ± equivalentes ± fontes”. Cabendo para cada entrada as informações que lhe couber.

Dentre as informações mais importantes que podem ou costumam fazer parte da *microestrutura* de um verbete, Welker (2004) elege:

- **Variantes ortográficas:** onde as variantes podem assumir a posição de um “lema secundário”
- **Pronúncia (*transcrição*):** “na literatura metalexigráfica que trata dos dicionários bilíngües, dá-se geralmente bastante importância à ortoépia, acreditando-se que os falantes não nativos precisem de ajuda nesse domínio”. O que certamente faz-se necessário dentro do nosso estudo.
- **Classe gramatical:** a classificação gramatical é parte microestrutural arrolada em quase todos os dicionários. Por exemplo (subst., adj., verb.), ou mais ainda: s, a, v. Empregando também s.m., s.f. para diferenciar os substantivos masculinos dos femininos, ou somente colocar m. e f.

Como parte preponderante do verbete, para a composição da *microestrutura*, é imperativo que seja elencado a uma correspondente lexical possível aproximada, podendo até mesmo ser entendida como uma “equivalente”, uma “tradução”.

¹ Aceita-se que o estudo não envolva o léxico de uma língua indígena, mas ainda assim, serve-nos como referencial.

- **“Equivalente”**: Como esclarece Cavalcante (2018, p. 92) “A equivalência é uma questão bastante complexa ao se trabalhar com tradução na Lexicografia bilíngue.” Assim como aponta Ferreira (2013, p. 89) “[...] as línguas, consideradas repositórios culturais dos povos, apresentam-se estruturalmente de forma diversa e carregam valores extralinguísticos como a visão de mundo”. E ainda, Zavaglia (2010, p. 234) “as palavras ou expressões que remetam a especificidades culturais são as mais difíceis de compreender e, conseqüentemente, de se ensinar ou aprender e de se traduzir”.

METODOLOGIA

Tendo em vista os procedimentos que nortearam o estudo aqui realizado, quanto ao trato do *corpus* trabalhado pode se classificar, devido à natureza do material, essa pesquisa com documental, que segundo Gil (2008, p. 45), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Que reitera ainda:

[...] Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc (GIL, 2008, p. 24).

Como resultado parcial do trabalho de pesquisa, “A construção do Dicionário Escolar Indígena Krahô-português na Perspectiva Bilíngue e Intercultural”, no âmbito do PIBIC (2016), uma lista de mais de cinco mil entradas, entre palavras e expressões idiomáticas foram prescritas. De todas as entradas sugeridas, no decorrer do projeto, para a maioria delas foi encontrado uma correspondente lexical possível aproximada do seu real significado quando usada no seu local performático. Ou seja, de certa forma aqui damos continuidade a uma pesquisa já iniciada anteriormente; valendo-nos de seus resultados até então documentados.

Considerando o exposto, visto que o nosso objeto de estudo se trata de um material ainda em tratamento e para fins de classificação quanto ao objetivo dessa pesquisa ela pode ser dada como *explicativa*. Como descreve Gil (2008, pp. 42-43):

Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos. Isso não significa, porém, que as pesquisas exploratórias e descritivas tenham menos valor, porque quase sempre constituem etapa prévia indispensável para que se possa obter explicações científicas. Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

O presente artigo não tem a pretensão de dirimir toda e qualquer interpretação ou leitura que venha a ser feita sobre o material pesquisado, tão somente busca-se explorar o aspecto lexicográfico do fazer pesquisacional quanto à preocupação que deva se ter no trato do material previamente coletado prescritivamente.

Para o levantamento de palavras para compor o dicionário, foram realizadas duas visitas técnicas à Aldeia Manoel Alves Pequeno, com a finalidade de coletarmos dados com a maior fidelidade possível, isso em seu contexto de uso. Para tanto, foi criada uma ficha terminológica apenas com termos e/ou expressões em português. Assim, o uso da ficha terminológica é primordial para elaboração do verbete, pois são com bases nas informações contidas na ficha que é feita a seleção das informações pertinentes a serem registradas no verbete (FERREIRA, 2013).

Para esse tipo de trabalho, uma pesquisa qualitativa se caracteriza como a melhor forma de adoção para o tipo de estudo que desenvolvemos, visto que nos baseamos nos dados coletados, apenas com a análise dados de fala real dos indígenas Krahô, segundo afirma Godoy (1995) que nessa abordagem valoriza-se o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A luz de pesquisadores voltados para o tratamento sociolinguístico dos *termos*, lemas e as suas respectivas microestruturas, procurou-se, uma forma de trabalhar os lemas e a microestrutura da língua Krahô, com um olhar sensível para o meio no qual tais lemas são proferidos. Podendo elaborar uma microestrutura abstrata (WELKER, 2004) o que seria uma *ficha terminológica* ou *lemática* contendo as principais questões a serem informadas dentro de um verbete.

Poder estipular um mecanismo de pesquisa, um fazer metodológico, no qual possibilite a documentação da forma como surge a emergência dos usos de uma palavra, e que isso figure, quando para tais lemas, tenha sido encontrado um correspondente lexical aproximado em língua portuguesa; visando a propagação mais assertiva de uma informação acerca do lema em língua indígena Krahô.

A partir das observações feitas acerca do lema em uma língua originária, nota-se uma invariável especificidade pertinente a cada um desses lemas, o que os faz serem únicos quando falados, marcas essas que não podem ser apagadas dentro de um léxico, por exemplo.

Será feito um estudo documental acerca dos lemas já *coletados*, da forma como se deu essa documentação, com a finalidade de detectar possíveis erros, falando de um ponto de vista terminológico, para finalmente, elegermos um modelo de coleta mais assertivo, tendo em vista os pressupostos dos pesquisadores trabalhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da necessidade de léxico para a comunidade indígena nos é apresentado e requerido uma lexicografia que vise possibilitar a construção do dicionário da forma mais assertiva possível nos valendo das teorias que melhor calham com a proposta de trabalho aproximando ao máximo o lema do seu real sentido de uso.

Ao se estudar o léxico de uma língua muito se pode abstrair dela. Fica evidente aspectos como cultura, história, identidade. A língua de um povo é o instrumento primeiro para se saber algo a respeito de sua vida.

Com os direcionamentos aqui apontados busca-se para além de uma documentação das palavras que compõe a língua Krahô, uma forma de preservação e manutenção da identidade e cultura de um povo. Assim, esperamos que a partir desse trabalho, possamos instigar uma maior atenção quanto às peculiaridades no trato das informações a serem arroladas na microestrutura do verbete em língua indígena.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. V. A. B. **A Noção De Gênero Entre Os Falantes Bilíngues Krahô: Uma Análise Introdutória.** In: ALBUQUERQUE, F. E.; ALMEIDA, S. A. (Orgs.). *Educação escolar indígena e diversidade cultural*. Goiânia: Ed. América, 2010. p. 201-217.

BÉJOINT, H. **Lexicografia Moderna: Uma Introdução.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

CAVALCANTE, F. M. **Proposta de um Vocabulário Bilíngue Krahô-Português do Campo Lexical Fauna**. 2018. 121 f. Discertação (Mestrado Acadêmico) – Curso de pós-graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura – PPGL, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

DAPENA, J. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros 2002.

FERREIRA, T. B. **Terminologia em Língua Indígena: A construção do dicionário escolar Português-Mundurukú na área do Magistério**. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FAULSTICH, E. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. In: Ciência da Informação. v.24, n. 3, 1995

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. Vol. 35, nº 2 mar/abr. São Paulo: EAESP/ FGV, 1995, p. 57-63.

MULLER, C. **Princípios e Métodos da Estatística Lexical**. Paris: Hachette, 1977.

NATION, P. **Aprendendo e Ensinando o Vocabolário**. Boston: Heinle & Heinle. 1990.

REY-DEBOVE, J. **Estudo Linguístico e Semiótico dos Dicionários Franceses Contemporâneos**. Paris: Hachette. 1971.

RODRIGUES, A. **Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo, Loyola. 1986.

WELKER, H. A. **Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZAVAGLIA, A. **Apresentação das Bases do Dicionário Relacional (Português – Francês) – DIRE**. In: ISQUERDO, A. N. FINATTO, M. J. B (orgs) As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, Ms Ed. UFMS; Porto Alegre: Ed. UFRGS, V. IV, P. 233-253, 2010.